

## **Rio, Cidade Portuária: cultura de rua, consumo e vivência do litoral carioca a partir das docas**

Victor Belart<sup>1</sup>  
UERJ, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Certificado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade como Paisagem Cultural Urbana, o Rio de Janeiro tem um litoral que vai muito além das praias. Com base nos conceitos de cinematografia de cidade (LA ROCCA, 2018), este artigo imerge na multiplicidade visual do histórico porto carioca, reformado a partir de 2010 para os megaeventos. A partir de uma metodologia participativa que propõe um olhar “vagante pela cidade” (CANEVACCI, 2013), acompanho a trajetória do Rio portuário e algumas manifestações festivas que lidam com as transformações urbanas na área. Com elas, apresento as constantes modificações econômicas e visuais dessa região que atua como laboratório comunicacional da vida urbana no Brasil e mantém elementos de diferentes períodos de nossa história.

### **Palavras-chave**

porto maravilha; boulevard olímpico; fanfarra; carnaval de rua; cidade portuária

### **Introdução**

Em plena pandemia de COVID-19, a imprensa anunciou<sup>2</sup> que o Cais do Valongo, na Zona Portuária do Rio, estava completamente alagado há dias. O local, que recebeu o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade em 2018, era ponto de chegada de escravizados no Brasil Colonial e nos primeiros anos do Império. O cais foi redescoberto em 2011, durante as escavações das obras para as Olimpíadas. A notícia do alagamento irritou diferentes grupos da sociedade civil, especialmente setores militantes do movimento negro, que questionaram pelas redes sociais o tratamento da administração pública carioca com um território que simbolizou

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom UERJ – Bolsista CAPES). Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador no Laboratório de Comunicação, Arte e Cidade (CAC-UERJ). Especialista em Jornalismo Cultural (UERJ). Graduado em Comunicação Social (PUC-Rio). E-mail: [belart.victor@gmail.com](mailto:belart.victor@gmail.com).

<sup>2</sup> Ver matéria do G1 “Cais do Valongo, Patrimônio da Humanidade, está alagado há dias”. Disponível em >  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/22/cais-do-valongo-patrimonio-mundial-da-unesco-esta-alagado-ha-dias.ghtml>

o maior porto da diáspora africana no Atlântico Sul. Poucas semanas antes, os protestos com derrubada de estátuas com símbolos do colonialismo em cidades europeias e estadunidenses tinha chamado atenção do mundo inteiro.

Crítica ao colonialismo, Grada Kilomba repete o quanto há na história brasileira e portuguesa (nação que construiu o Valongo), uma certa “glorificação da história colonial” (KILOMBA, 2019, p.11). Assim, é necessário pensar no quanto lugares como esse cais - recentemente redescoberto - têm a capacidade de apresentar o outro lado dessa história, entre suas marcas, apagamentos e problematizações. Também por essa razão, em pleno contexto de manifestações anticoloniais e antirracistas<sup>3</sup>, o descaso do alagamento no Rio foi tão chocante.

A notícias da derrubada das estátuas fora do país e da água no Valongo chegam por jornais e TV aos cariocas num momento onde a população é instruída a ficar em quarentena. Nessas mesmas semanas, em diferentes publicações midiáticas, especialistas afirmam que o episódio do Corona Vírus é o grande marco de início oficial do século XXI<sup>4</sup>. Curiosamente, embora a pandemia escancare domínio da era digital entre videoaulas e conferências que invadiram as casas durante o processo, no porto do Rio, os guindastes, galpões e maquinário pesado anunciam as ainda muito presentes marcas também industriais que a cidade carrega, associadas ao já remoto século XX no Brasil.

A vida urbana carioca por toda parte se interconecta a era digital, mas o porto ainda combina esteticamente elementos coloniais e industriais de diferentes eras. Embora o Centro do Rio de Janeiro tenha passado por uma enorme transformação recente nas obras dos megaeventos, com inclusive a construção de uma nova orla para turistas, o porto carioca continua tendo também uma importante relação fabril e funcional com a cidade. Ela se evidencia em sua estética cinzenta nos arredores do Santo Cristo, Rodoviária e Caju. Embora algumas dessas áreas tenham sido reformadas, ainda carregam um aspecto fabril que destoia do colorido Boulevard Olímpico.

É interessante refletir como, num curto perímetro, a metrópole apresenta distintos retratos estéticos e temporalidades. Michel Maffesoli, em texto que retrata o ato de vagar pelo espaço urbano, retrata sobre a possibilidade de estar, ao mesmo tempo, aqui e em outro lugar (MAFFESOLI, 2001, p.90). Massimo Canevacci apresenta a ideia de pensar na cidade para

---

<sup>3</sup>Ver matéria “Estátua de escravocrata britânico derrubada por manifestantes é retirada do rio”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/11/estatua-de-escravocrata-britanico-derrubada-por-manifestantes-e-retirada-do-rio.ghtml>

<sup>4</sup> Ver matéria “Presidente da Fiocruz fala do combate ao Corona Vírus” Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-da-fiocruz-fala-do-combate-ao-coronavirus-essa-epidemia-e-o-grande-marco-do-seculo-21,70003295618>

“olhar e fazer-se olhar” (CANEVACCI, 2015, p.263). La Rocca afirma que “mostrando-se numa multiplicidade de formas arquiteturais e espaciais, a cidade organiza a vida social que todos nós experienciamos (LA ROCCA, 2018, p. 17).

A metrópole, em sua imagem, portanto, é uma potente ferramenta de comunicação que hibridiza várias eras no mesmo espaço. Por isso, este artigo propõe um exercício de debruçar-se pelas formas estéticas e comunicacionais do porto carioca que foi novamente alterado na última década. Em maio de 2020, a Caixa Econômica Federal anunciou publicamente<sup>5</sup> os recentes problemas entre ela e Prefeitura do Rio envolvendo todo o processo de transformação dessa área diante da Parceria Público Privada do projeto Olímpico. Preparadas para o megaevento de 2016 e pautadas num momento de muito dinheiro circulando no Rio, vários empreendimentos imediatamente colapsaram nos anos seguintes com a crise econômica do Brasil.

Considerando as recentes transformações estruturais e estéticas dessa região, entre novos e antigos espaços, proponho uma imersão visual neste porto de muitos problemas, histórias e formas estéticas e culturais. Imergindo num Rio de Janeiro (de)colonial, fabril e contemporâneo, apresento como algumas manifestações festivas do Porto Maravilha dos últimos anos combinam diferentes formas de olhar e perceber o Rio.

Sob uma ideia de “cinematografia urbana” (LA ROCCA, 2018), busco apresentar a diversidade visível e variada de paisagens constantemente transformadas na dinâmica portuária carioca através dessas manifestações culturais. Para isso, lanço mão de uma abordagem histórica compreendendo as transformações da região. Junto dela, também utilizo de meu olhar vagante (CANEVACCI, 2013) e participativo pelas ruas do Rio para compreender a contemporaneidade nas práticas culturais e comunicacionais da área. A metodologia de pesquisa também utiliza o recurso de algumas entrevistas.

## **O porto, a cidade de antigas epidemias e o mar como vizinho**

---

<sup>5</sup> Ver matéria: “Caixa diz que Porto Maravilha era inviável desde o início”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/apos-prejuizo-bilionario-ao-fgts-caixa-diz-que-revitalizacao-do-porto-do-rio-e-inviavel.shtml>

Beatriz Sarlo (2009) evidencia a estratégia de grandes capitais mundiais, como Buenos Aires, de modernizarem seus portos ainda no final do século XX. Na última década, inspirado nesse processo, o Rio iniciou uma grande reforma nessa região ancestral da cidade. O ato de destruir, remontar e reconstruir foi a base de parte da estruturação urbana carioca ao longo de séculos, como veremos a seguir.

Hoje, famoso internacionalmente pela beleza de suas praias, o território do Rio de Janeiro carrega uma enorme história desconstrução e reinvenção de si. Esse foi o percurso atravessado por essas terras banhadas por uma Baía desde o momento em que os povos originários receberam certos “visitantes”. Rafael Freitas da Silva (2020), em trabalho que apresenta a história do Rio ainda indígena, relembra que a partir de 1565 “um Rio de Janeiro teve que acabar para que outro pudesse nascer” (p.13). A história das epidemias levadas por europeus na América Espanhola é conhecida mundialmente, mas no Rio de Janeiro a relação entre saúde e ocupação urbana deixou várias marcas.

Desde a chegada dos europeus, o território à beira do que chamamos Baía de Guanabara passou a ser ocupado encontrando certas dificuldades por conta da sua disposição urbana e relevo. Ao longo dos séculos, conforme o Rio de Janeiro vai assumindo uma centralidade comercial e institucional no Brasil ainda colônia, vários desafios urbanísticos se estabelecem a medida em que a cidade tem seu maior aumento populacional. Essas pessoas e mercadorias chegam pelo porto.

Já no século XIX, como mostram Scarinci e Junior (2017), a “ação dos pântanos e a falta de circulação dos ventos ocasionados pelas montanhas e morros” são vistos como alguns dos desafios urbanísticos e de salubridade que causam problemas. No desenrolar deste mesmo século, como apresenta Ferreira (2000), as epidemias começam a aparecer como novos desafios a serem superados, o que provoca uma transformação no modo do carioca de habitar a cidade. O mesmo autor, alerta ainda para o quanto a má fama do Rio como cidade doente chega inclusive a afastar navios de seu porto. Isso estimula várias práticas higienizadoras e também racistas.

Durante todo o século XIV, especialmente em seu final, o Rio de Janeiro impõe reformas urbanas que removem pessoas e modificam as maneiras de habitar a cidade, inclusive deslocando sutilmente a localização do porto. Com pretexto da modernização, os ideais de uma reforma parisiense atravessam o século para ordenar a cidade em ruas mais largas, até culminarem na famosa reforma de 1910, feita pelo Prefeito Pereira Passos. Em nome da higiene, “declara-se guerra aos quiosques- proíbe-se a venda de vários produtos por ambulantes e demolem-se cortiços.” (p.25). É também nesse momento, do início do século XX, quando

muitos pobres vão viver no subúrbio e que boa parte da Zona Sul passa a ser mais ocupada. Como exemplo, temos a construção de um grande boulevard, que é até hoje a Avenida Beira-Mar, que liga o Centro à essa zona.

Curiosamente, a relação da cidade com as águas de sua Baía passa a se transformar nesse momento. Inicialmente visto como ato de saúde e salubridade, o banho de mar surge como prática de lazer inspirado em tradições europeias. Ainda no trabalho de Ferreira, percebemos como a cidade, em sua necessidade de ser moderna, altera a lógica do divertimento. Nesse processo “montanhas e florestas do Rio de Janeiro, citadas como recantos preferidos da sociedade carioca para realização de seus passeios, irão sofrer a concorrência das praias” (FERREIRA, 2000, p.30).

Assim, alguns bairros atualmente muito conhecidos da cidade, como Copacabana, começam a receber as primeiras habitações, acompanhadas de um melhor avanço da estrutura de transporte urbano. Essa disposição urbana marca uma mudança de paradigmas e, de certa maneira, cria uma estrutura binária entre o mar das praias da Zona Sul e o mar do Centro. Esse fato se amplia especialmente pelo desaparecimento de muitas praias na região Central da cidade, que começa a construir seus aterros para facilitar o fluxo urbanístico.

Apesar disso, enquanto as classes mais abastadas iam incorporando hábitos como idas à praia, um outro Rio de Janeiro de comércio e tradições populares seguia em seu dia a dia entre trocas de trabalho e cultura à beira da Baía e no Centro. Somado a isso, a profusão de lojas de rua e do ato de andar na cidade inspirados na estrutura do *flaneur* parisiense se somam ao já efervescente modo carioca de habitar da cidade entre seus ambulantes, quitandas, estivadores, etc. Praças arborizadas recentemente construídas somam-se ao universo movimentado de espaços públicos cariocas. Como muito bem retratam os clássicos trabalho de João do Rio, as ruas da cidade escancaram sua ebulição cultural e cotidiana do início do século. Tudo isso continua acontecendo em áreas coladas à Baía de Guanabara.

É importante lembrar, que essa reforma do começo do século XX expulsou parte da população mais pobre do Centro, mas muitos indivíduos permaneceram reivindicando o espaço da região, como habitando as primeiras favelas próximas ou utilizando parte do ainda precário transporte de bondes para circulação na área também em busca de oportunidades de trabalho ou lazer. Tudo isso, afinal, fazia com que o Centro do Rio de Janeiro fosse um espaço disputado que favorecia uma efervescência cultural do mesmo.

O trabalho de Rita Fernandes (2018) também relembra este movimento já subsequente à uma demolição e remoções. Assim, cita a histórica movimentação cultural em torno da casa da Tia Ciata, na Cidade Nova, icônica referência cultural do Rio após a derrubada do Morro do

Castelo e que no início do século XX abrigou a população diaspórica e tornou-se reduto de “sambistas, compositores, artistas, escritores, intelectuais e jornalistas que queriam conhecer suas comidas e os pagodes que ali se realizavam” (FERNANDES, 2018, p,41). Na época, vale ressaltar, o samba e a percussão em tal ritmo eram perseguidas no país. Fernandes e Barroso (2019, p.17), aproximadas das brechas articuladas pela população negra no Rio histórico, destacam por exemplo, a importante presença feminina também neste contexto, resistindo e criando diante de um regime patriarcal. Neste sentido, apresentam a rica produção cultural na região do porto que emergia também como espaço de festa, que também é acolhimento e defesa para determinados grupos “dentro de um regime estruturado para submissão e obediência do corpo negro”.

### **O crescimento da cidade cinza e o porto “proibido”**

Com o avançar do século XX, depois que o banho de mar tornou-se hábito, o Rio continuou mantendo relação estreita com suas águas, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento nacional presente como meta brasileira aquele tempo. As praias ficam famosas, mas por trás delas há um Rio de maquinário pesado e cinzento.

Thiago Soares classifica como “cidades pop” alguns lugares do mundo que nos remetem a “um lugar que gostaríamos de estar em tensão com o local que, verdadeiramente, estamos” (SOARES, 2015, p. 28). Nesse mesmo trabalho, o autor apresenta que lugares excessivamente fotografados ou filmados vão criando territorialidades no campo do imaginário. O Rio existe nas ruas, mas é também a partir do vasto número de imagens refletidas sobre ele que novos imaginários da cidade vão sendo criados. Por isso, podemos refletir no quanto a ideia carioca de cidade-balneário que inspirou novelas e filmes, foi sendo construída simbolicamente até mesmo para quem não vive nela. Por outro lado, o porto mantinha outra essência.

Há, na experiência de viver o Rio de Janeiro circulando por ele, uma outra relação entre imagem, atmosfera e o próprio mar do Rio. Conforme o século XX avança, o Brasil busca a modernização e a característica portuária carioca continua pautando o cotidiano da metrópole. Enquanto as famosas praias foram instituindo um imaginário específico de cidade praiana e tropical, no Centro, ao longo do século XX e perto de uma Baía cada vez mais poluída, o Rio se modificava e guardava uma série de formas de expressão e cultura.

Depois da primeira fase de sua modernização, o antigo Distrito Federal foi cada vez mais se adaptando a funcionalidades e demandas de um novo Brasil que emergia. Assim, cada

vez mais a cidade ia assumindo um caráter industrial, muitas fábricas se instalavam no subúrbio e região mais próxima do Centro continuava recebendo novas obras que remetiam ao progresso.

Assim, a estrutura urbana que foi sendo constituída ao longo do século XX na base de diferentes remoções e expulsões, foi também tornando a cidade uma espécie de coração desenvolvimentista do Brasil. Enquanto o porto do Rio crescia e recebia seus galpões e armazéns ao longo da primeira metade do século XX, outros bairros próximos recebiam também uma população recém chegada que ia viver próxima da população local. Souza (2006) relembra o contexto do também central bairro do Catumbi, ainda relativamente perto do porto, que no mesmo século XX, recebeu moradores desapropriados de outras regiões, como da própria Praça XI, onde o samba começou.

Voguel, Mello e Mollica (2016) apresentam a relação histórica dessa mesma região com as chegadas e partidas históricas do porto da cidade, recebendo muitos ciganos, italianos e também a população negra oriunda de outras áreas do Centro do Rio e conforme a cidade ia se transformando e expulsando a população de vários lados. Quando a Praça XI foi derrubada por Getúlio Vargas nos anos 40 para a construção de uma rodovia com seu nome, ciganos, negros e anarquistas foram removidos dela ao Catumbi. Curiosamente, parte dessa população, anos antes, já havia sido removida da região de bairros da Saúde e Gamboa, bem ao lado do porto.

Assim, no mesmo Catumbi, que também foi configurar-se como outro berço do samba e choro, ciganos diaspóricos também organizavam-se “de maneira muito eficiente a partir da regulamentação ritual da vida, expressa através de um calendário de obrigações (inclusive festivas)” (SOUZA, 2006, p.12). Anos mais tarde, nesse mesmo bairro e numa expansão pensada no fluxo de carros, um enorme viaduto foi erguido de passagem para o Túnel Santa Bárbara, tornando aquele território mais escuro ao morador local e novamente removendo casas.

A partir de meados do século, a cultura de construção de viadutos para trânsito se espalha pela cidade e o porto é afetado por ela, com o Viaduto da Perimetral, sendo erguido. Ao lado das águas e do porto do Rio, uma enorme estrutura de concreto e vigas tampava a vista do mar. Abreu (1987) apresenta exatamente as diferentes modificações urbanísticas da cidade já em meados do século XX. As mesmas, criaram áreas verdes e parques como o aterro do Flamengo, na Zona Sul. Enquanto isso, a população de regiões como a Zona Portuária convivia debaixo do concreto de viadutos. Kevin Lynch, em trabalho que analisa questões visuais e o desenho urbano de cidades em interconexão com as sociabilidades nas ruas, afirma que alguns lugares podem carregar “uma força quase opressiva” (Lynch, 2011, p.103). Como

exemplo desses espaços, destaca áreas cinzentas ou altos edifícios entre ruas estreitas. O porto ficou mais cinza e hostil aos visitantes.

Curiosamente, essa estética se estabeleceu por muitos bairros cariocas afetados por essas grandes reformas urbanas que pensavam em carros e grandes deslocamentos. No trabalho de Voguel, Mello e Mollica (2016), percebemos como muitas práticas sociais nos territórios também resistiram a esses processos, como festas de rua, jogos de futebol ou cartas em praças que eram feitas debaixo de viadutos. No porto, a cultura musical também permaneceu ali apesar das sombras. Desde antes da construção dessa via erguida, a relação diaspórica de brasileiros oriundos, por exemplo, do Nordeste do país, intensificava as trocas culturais num Rio de estivadores nas docas.

Haroldo Costa (2000), lembra que exatamente a própria Zona Portuária também contava com a presença de ritmos de Pernambuco, fazendo parte, por exemplo, do antigo “Dia dos Frevos”, que chegou a ser instituído no passado como o sábado de Carnaval da cidade. Uma vez deixando de ser forasteiros, os grupos iam buscando construir territorialidades específicas e a trabalhar seus encontros naquele espaço a partir da cultura e da vivência. Os afoxés baianos também se estabeleceram por ali. Com o passar das décadas e o descaso do poder público, a região portuária ia ficando cada vez mais cinza e destinada a cumprir funções produtivistas e industriais da cidade, logo, isso foi isolando o território do resto da população carioca.

Nos anos 90, o bloco Escravos da Mauá, formado por funcionários do Instituto de Nacional de Tecnologia, começa a ocupar o bairro da Saúde, no porto. O movimento é de retomada e o grupo faz uma referência e homenagem à resistência negra na região que ficou conhecida como Pequena África por abrigar o porto de chegada dos escravizados no Brasil Colonial.

O grupo ajudou a reacender a potência festiva que havia existido por lá no passado entre frevos, afoxés e sambas que ocorriam no Largo São Francisco da Prainha ou Morro da Conceição. Quase 30 anos depois, a agremiação permanece ativa no porto e acompanhou de perto as recentes remoções por lá. Como em muitas cidades do mundo, a ideia de abandono do porto acabou servindo como argumento para processos de revitalizações dos anos 2010.

Ricardo Costa e Eliane Costa<sup>6</sup>, dois dos idealizadores do bloco em questão, destacam sobre as recentes reformas e sobre as múltiplas caras que o porto carioca foi assumindo. Segundo eles, em plenos anos 90, quando o Rio ainda vivia consequências de sua rápida

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 3/5/2019 para a Cartografia Sensível das Cidades Musicais do Estado do Rio de Janeiro, que vem sendo elaborada pelo NEPCOM-UFRJ e o CAC UERJ.

desindustrialização, a Praça Mauá e adjacências tinham uma imagem de local perigoso e inóspito para boa parte da cidade. Os mesmos, afirmam ainda que as recentes reformas da região portuária para as Olimpíadas privilegiaram as bordas do porto, como o Boulevard Olímpico e Praça Mauá.

### **A era dos megaeventos: festas e subversões entre um Rio (de)colonial, fabril e contemporâneo**

A partir de 2009, com a confirmação das Olimpíadas no Rio, o empresariado e gestão pública tiveram a chance de colocar em prática um plano de transformação da Zona Portuária que vinha sendo discutido desde os anos 90 e 2000. Fernanda Sanchez, ainda no início do século, já chamava atenção para o que sinalizava como reinvenção das cidades, entre as múltiplas plataformas de negócio geradas por ela em torno de sua imagem, quando “constrói suas segmentações e grupos-alvo no mercado, como o turismo urbano (com o consumo dos espaços modernizados), o turismo de negócios, o turismo cultural, o turismo de compras, de jovens e terceira idade (SÁNCHEZ, 2001, p.34). Os conceitos de marca de cidade se fortaleciam aí e a dita revitalização de determinados espaços compõe o processo.

Tanto Seldin (2017), quanto Sarlo (2009) apresentam o fetiche que algumas capitais passaram a exercer sobre áreas industriais como portos, antigas áreas de fábricas e afins, na construção de polos de cultura. No Rio, a derrubada do Viaduto da Perimetral mudou a dinâmica do território, com “a transformação do espaço em uma área de pedestres” ou a “abertura de novas avenidas na área” (FERNANDES; HERSCHMANN, 2018, p.27). Assim, percebemos diretamente a opção pelos espaços de maior claridade por ali. Esse processo estimulou gentrificações a partir de uma ideia de ocupar um espaço com fama de vazio. Junto disso, provocou também uma maior visibilidade a várias regiões portuárias do Rio na contemporaneidade, fazendo com que muitos coletivos culturais e entidades se articulassem por lá juntamente das que já existiam. Cada uma, abordando e fazendo referências a uma estética e momento específico da região.

No que diz respeito a um Rio industrial, alguns grupos carnavalescos ou fanfarras musicais utilizaram, em meados da década de 2010, a visualidade fabril do porto para sair em cortejos com guindastes ao fundo. Assim, iniciativas surgidas durante as recentes reformas do Rio, como o Technobloco e Technobrass, embora algumas vezes reprimidos, passaram a circular em túneis, praças e espaços próximos. Ambos tocavam em trombones, trompetes e

caixas, a música frita do *technomusic* nascido em Berlim e Detroit. Junto deles, algumas festas de música eletrônica usaram galpões antigos para produzirem seus eventos.

No Santo Cristo, área ao norte do porto e mais próxima da Rodoviária, já distante da renovada Praça Mauá, o fracasso imobiliário de alguns empreendimentos estimulou também o aparecimento de alguns terrenos descampados propensos para grandes festas, cenários de clipes e *coworkings*. Em áreas como a Hub ou Porto Lab, muitas festas de hip hop e *trap* também passaram a ocorrer. Exatamente nessa região, como se queixa a Caixa Econômica Federal<sup>7</sup>, muitas casas removidas e terrenos onde se esperava construir prédios acabaram com projetos interrompidos. Por outro lado, a noite e a festa encontraram naquela região um novo horizonte desde 2016.

Como comentado, essas manifestações acontecem numa área mais ao norte do porto, que embora reformada, ainda carrega uma visualidade cinzenta de porto funcional e não turístico. A Leste, entre o AquaRio, Boulevard Olímpico e Praça Mauá, está a região mais badalada do novo porto, onde armazéns, museus e muros grafitados recebem visitantes de diferentes lugares. Nessa área, a programação musical carrega muitas marcas de uma ancestralidade diaspórica da população negra, especialmente do samba.

Junto da Casa Porto, bem atrás do Boulevard, atualmente, está a Casa Omolokun e o samba da Pedra do Sal que representam alguns dos movimentos que reverberam a região. Por um tempo, o Baile Black Bom, que também faz referência a cultura negra, produziu diversos eventos por lá. A partir de 2016, essa vizinhança passou a dividir espaço com o moderno Boulevard inaugurado e seus antigos armazéns. Próximo dali, na Praça dos Estivadores, está a sede da filial carioca do Filhos de Gandhi, fundado no porto soteropolitano do final dos anos 40 e que chegou no Rio em 1951.

Nessa região, onde turistas, grupos tradicionais e novíssimas praças compartilham espaços do porto, diferentes instituições governamentais e administrativas estão fixadas em áreas próximas, como a Polícia Federal, Marinha e Guarda Portuária. Em poucos metros, num caminho pelo Boulevard Olímpico, além do fluxo comum de policiais militares ou guardas municipais, podemos nos deparar com profissionais Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto, marinheiros, Policiais Federais, integrantes da cia que administra as docas, etc.

---

<sup>7</sup> Ver matéria “Caixa econômica Federal sugere criação de centro administrativo na região do Porto Maravilha”. Disponível em: <https://diariodorio.com/caixa-economica-federal-sugere-criacao-de-centro-administrativo-na-regiao-do-porto-maravilha/>

Nesse mesmo espaço, alguns cortejos musicais passaram a se estabelecer nas brechas e a realizarem ataques musicais repentinos sem conhecimento das autoridades, surpreendendo turistas e marinheiros. Os mesmos também dividem espaço com armazéns que dão lugar a alguns polos de tecnologia ou eventos, como o Youtube Space ou Armazém da Utopia, que abriga a Cia Ensaio Aberto, que se define como “teatro dos trabalhadores”. Essa mesma área, num passado recente, permanecia encoberta pelo antigo Viaduto da Perimetral. Com a derrubada do mesmo, áreas como a própria Praça Mauá, entre todas as suas críticas de sua obra, aproximou novamente parte do Centro Carioca ao mar.

Júlio Barroso<sup>8</sup>, hoje produtor da Casa Porto e figura há décadas participativa em coletivos culturais da cidade, destaca a maior presença de outros produtores em torno da Pedra do Sal entre 2010 e 2016. No período, alguns eventos, como shows de bandas que ocupavam praças da Zona Sul, passaram a ser feitos de maneira independente na Zona Portuária. Barroso destaca ainda, que juntos deles, coletivos culturais como a Quermesse e Acarajazz ocuparam a região promovendo outros diálogos com moradores do território.

Também neste momento, grandes empreendimentos culturais como o Museu de Arte do Rio e Museu do Amanhã são inaugurados na Praça Mauá. O primeiro, apelidado de MAR, desde o princípio tenta estabelecer diálogo com coletivos musicais da cidade, convidando o Circo Voador para curadoria musical de eventos em seus pilotis. Também neste museu, aconteceram parcerias com jovens do Morro da Providência e passado navegante e portuário do Rio foi retratado numa exposição ao longo de 2019 e 2020.

Magri (2019) em trabalho que investiga a recente trajetória do vizinho Museu do Amanhã, apresenta a metáfora da ideia dos navios no porto carioca. Assim, reforça a história daquela região ter recebido “dois milhões de Africanos escravizados” (MAGRI, 2019, p.13) que continuaram chegando ao Brasil também depois da independência. Com isso, reitera a necessidade de permanente reflexão acerca de protagonismos afro-brasileiros na região.

Vizinho a todos esses empreendimentos e transformações, o Morro da Conceição continua intacto à sua imagem do passado. Um dos berços da ocupação da cidade, as casas antigas na área continuam abrigando moradores e um universo pacato em meio ao caos da vida urbana carioca. Curiosamente, na área, a Fortaleza da Conceição é um ponto de controle federal protegida por militares. Ali dentro, estão guardados alguns dos primeiros mapas e registros cartográficos do Brasil num período de formação da cidade no tempo do Brasil Colônia. Em

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada para esta pesquisa em 23/7/2020.

1967, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro publicou a versão traduzida<sup>9</sup> de um manuscrito francês que revelava a tentativa de tomada dessa mesma Fortaleza por invasores piratas franceses de 1711.

Curiosamente, algumas vezes durante o verão carioca dos últimos anos, blocos Piratas e não oficiais fizeram apresentações musicais surpresas por ali, surpreendendo moradores e sem que a Prefeitura tenha conhecimento das mesmas. Para os foliões que não sabiam chegar no espaço, o Whatsapp servia como uma espécie de novo mapa que dava as localizações de uma ocupação para a cidade. Assim, a diversidade estética do porto carioca ia sendo redescoberta informalmente por alguns de seus moradores que por ele navegavam. Enquanto isso, moradores e coletivos locais bolavam novas formas de criar e dialogar com a cidade que mais frequentemente os revisita.

## Considerações Finais

A cidade portuária do Rio de Janeiro sempre tentou produzir transformações autofágicas que destruíram e construíam novos espaços a partir dos antigos. Grandes eventos e celebrações estiveram associadas a essa história, que normalmente veio acompanhada de ideais de progresso e desenvolvimento. Freitas e Mello (2017. p.84), por exemplo, apresentam que a primeira intervenção no espaço do Valongo, citado no início do trabalho, foi feita por volta de 1840 quando, na ocasião, ele “mudaria de aparência para receber a noiva de D. Pedro II.” Assim, o local trocou de nome para Cais da Imperatriz e modificou sua funcionalidade escondendo o cais antigo.

Quase sempre, apagamentos eram produzidos nessas mudanças urbanas da cidade, mas também práticas diaspóricas e de resistência que geravam uma potente cultura e inovação criativa a partir daquilo que era modificado. Ferreira (2000), por exemplo, relembra o contexto do então Distrito Federal de 1920, quando, na Prefeitura de Carlos Sampaio, “dedicou-se, basicamente a preparar o Rio de Janeiro para comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil” (FERREIRA, 2000. p.29). Novamente, nessa oportunidade, classes populares foram expulsas de suas casas em nome de um progresso civilizatório pautado também

---

<sup>9</sup> Documento do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, publicado em 1967. “A tomada do Rio de Janeiro em 1711 por Duguay-Troin”, disponível em:

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or383579/or383579.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or383579/or383579.pdf)

por um evento. Naquele momento, o projeto que provocou a derrubada do Morro do Castelo, somava-se aos outros eventos que vinham acontecendo no início do século XX com intuito de tornar a cidade cosmopolita e moderna.

Curiosamente, no processo histórico do Rio, a ideia de modernidade vem acompanhada de uma série de inserções urbanísticas como praças e ruas, que, embora não fosse exatamente o intuito inicial das obras, como relembra Ferreira, “passam a ser vividos tantos pelos ricos quanto pelos pobres” (2000, p.32). A rua sempre foi espaço de disputa.

Como vimos, desde os tempos do Brasil Colonial, práticas de sociabilidade e resistências se estabeleciam em quem caminhava pelo porto, especialmente em suas brechas. Neste sentido, acompanhando a história de reformas do porto carioca e suas redondezas, é interessante perceber como a ideia de internacionalização ou higienização da cidade, embora mantenha um viés contraditório, acaba sempre subvertida pela potente cultura de rua vigente na cidade, que tem a tradição de criar e recriar a partir de fenômenos diaspóricos.

No período dos megaeventos essa história também se repetiu. A preocupante gentrificação pelas obras veio acompanhada de uma crise econômica que acabou controlando uma debandada da população do espaço, construindo novas resistências de quem ali já vivia. Por outro lado, novos atores ali chegaram. Espaços projetados especialmente a partir de uma programação oficial, foram subvertidos e disputados por outras trocas culturais que naquela área se estabelecem e se somam ao que havia de mais antigo. A maior visibilidade internacional do Rio no período também acabou fazendo parte disso.

Herschmann e Cabanzo (2016), relembram do Rio entre 2010 e 2016, quando era “notória a presença de imigrantes colombianos, peruanos, chilenos e argentinos” (HERSCHMANN, CABANZO, 2016). Nos trabalhos de Herschmann e Fernandes (2018), notamos também o quanto os esforços de *citymarketing* tentavam fortalecer a imagem do Rio de Janeiro num mercado global. Se a cidade atraía mais estrangeiros, novas culturas de rua somavam-se ao mosaico local. Assim, novas iniciativas somavam-se a manifestações ancestrais de cultura portuária que por ali já estavam estabelecidas e que, com as reformas, tornaram-se mais efervescentes e visíveis ao resto da cidade.

Rocha (2012, p.131), ao discutir conceitos de visibilidade, relembra a possibilidade de corpos também se possibilitarem penetrar estruturas capitalistas também para dissolve-las ou reconstruí-las de outras perspectivas. Neste sentido, é interessante perceber como o porto do Rio, cobiçado e transformado, também é um ambiente de disputas e reinvenções feitas pela rua. Por essa razão, podemos entender que as últimas transformações portuárias do Rio de Janeiro

também se apropriaram dessas transformações ou de todos os seus momentos históricos para criar suas novas formas de uso.

Canevacci (2013, p.106) indica que áreas metropolitanas que “acolhem e mudam graças às migrações diaspóricas e não por causa das correrias nômade”. Assim, sem negar a importância do nomadismo e do movimento num porto de chegadas e partidas efêmeras, reconheço na Zona Portuária carioca a importância da diáspora urbana como causadora de resistências e reconstituições festivas inerentes a sua existência. Numa cidade que sempre forçou suas mudanças, a cultura de rua reinventa. Assim, as maneiras que a sociedade encontra para recriar suas adaptações no porto tornam essa região um importante laboratório comunicacional repleto de visualidades que nos ajudam a entender melhor o Brasil.

## Referências

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Inplanrio/Zahar, 1987.

CANEVACCI, Massimo. Fetichismos Visuais: corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2015.

CANEVACCI, Massimo. Sincrétika: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nóbél, 2013

COSTA, Haroldo. 100 anos do carnaval de rua do Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

FERNANDES, Cintia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. (Org.) Cidades Musicais: Comunicação, Territorialidade e Política. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2018. v. 1. 456p.

FERNANDES, Rita. Meu Bloco na rua: a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

HERSCHMANN, Micael; CABANZO, Maria Pilar. Contribuições do grupo musical Sogorocosongo para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras cariocas no início do século XXI. Juiz de Fora. Lumina. v.10 n.3, 2016.

FERREIRA, Luís Felipe. A cidade e seu carnaval. Espaço e Cultura. n.9-10. Rio de Janeiro. 2000.

FREITAS, Ricardo Ferreira; MELLO, Flávia Barroso de. Porto Maravilha: vivências e experiências culturais no espaço urbano ressignificado. *Diálogo com a Economia Criativa*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jan./abr. 2017, p.74-87.

KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LA ROCCA, Fabio. Cap. 1- *Ambiências Urbanas*. In: *A cidade em todas suas formas*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MAGRI, Scheila Mihailenko Chaves. *Museu do Amanhã e o Manifesto Futurista: uma reflexão sobre o consumo discursivo de temporalidades e espacialidades*. In: *ANAIS. XLII Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 2019, BELÉM. – 02 a 07/9/2019.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: RP Record, 2001

ROCHA, Rose de Melo. *Corpos significantes na metrópole discursiva*. In: *Significação*. São Paulo: Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP, n. 37, 2012.

SARLO, Beatriz. *La ciudad vista*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

SCARINCI, Dimitri Andrey; JÚNIOR, Nilton Abranches. *A rua do Ouvidor enquanto território do Carnaval produzido pelas grandes sociedades do século XIX*.

SELDIN, Claudia. *Imagens Urbanas e Resistências: das capitais de cultura às cidades criativas*: Rio Books – 1. Edição, 2017.

SILVA, Rafael Freitas da. *Rafael Freitas. O Rio antes do Rio*. Belo Horizonte: Relicário, 2020. 4. Ed

SOUZA, Mirian Alves. *Os ciganos Calon do Catumbi: ofício, etnografia e memória urbana*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFF, 2016.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva, MOLLICA, Orlando. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*: Niterói, Eduff, 2017.